

O ENSINO MÉDICO E O EXERCÍCIO PROFISSIONAL *)

Guerra Blessmann

No ritmo anual de estudos, nesta casa de ensino, somos, mais uma vez, chegados ao momento em que uma nova turma de alunos da escola se aparta, para que amanhã seus componentes venham a iniciar, com as naturais alegrias e agruras, o ambicionado exercício da profissão de médicos.

Não abandonam os moços a Faculdade, sem que lhes seja dado ouvir, porque assim o desejam, a palavra de um dos seus professores, neste ato solene, no dia memorável em que se despedem da vida de estudantes. Entre as mais justas manifestações de alegria, com que festejam a vitória, por terem atingido ideal longamente acariciado, corre o velário, dando por finda uma das mais belas e risonhas etapas da vida, e surge um novo programa cheio de graves responsabilidades, não menos belo, mas, sem dúvida, enormemente mais árduo que o decorrido.

Ao término de vossa peregrinação escolar, quis a vossa generosidade que a nós tocasse a elevada honra de vos fazer a oração da partida. Aceitamo-la com grande desvanecimento, porque vislumbramos em vosso gesto, a homenagem muito justa e altamente sincera que, através de quem ocasionalmente dirige os destinos desta casa, endereçais, neste ano do cinquentenário, aos nossos eminentes mestres, abnegados fundadores e eméritos consolidadores da Faculdade. Concedei que esta seja para nós a interpretação de vossa atitude, já que outras justificativas, apontadas pelo ardor imoderado da vossa mocidade, por irreconciliáveis com a verdade, não as temos como merecidas. Assim pois permiti que convosco neste dia e nesta solenidade magnífica, entoemos as merecidas lóas, em louvor dos que souberam criar e manter este estabelecimento de ensino.

Tendo começado a funcionar no último ano do século passado, sofreu naturalmente, as influências do meio e com o avanço dos tempos, à medida que o ensino médico passava pelas modificações imprescindíveis a mantê-lo

dentro de uma indispensável atualização, a pouco e pouco, talvez com alguma lentidão, mas indiscutivelmente com a precisa segurança, através de sua história, pode ser assinalado seu inegável progresso. A Faculdade não foi obra de improvisação, passou por uma elaboração lenta e progressiva. Para não aludirmos a outros meios técnicos de positiva influência no avanço da ciência médica, devemos recordar que esta escola nascia dois anos e meio após a descoberta dos raios X, que a reação de Wassermann foi descrita após alguns anos de sua existência, e muito longe iríamos se aqui viéssemos fazer desfilar diante de vossos olhos o que a era tecnológica da medicina, nestes e em muitíssimos outros campos, trouxe para o progresso da arte de curar. Pois bem, todos estes ensinamentos foram sendo aproveitados, porque aos alunos era forçoso, de sua consciência, fornecer os elementos possíveis para o seu aprendizado. As especialidades que nasceram ou adquiriram sua independência no decorrer destes anos, vieram sendo incorporados ao currículo. E até mesmo algumas foram pela primeira vez aqui implantadas como disciplinas autônomas, pois só muitos anos mais tarde vieram a ser incorporadas aos programas das outras escolas brasileiras.

E tudo foi feito sem poupar sacrifícios e com a maior dedicação, porque aqui, ensinaram nossos antepassados, a estagnação, significaria imobilidade e esta conduziria à atrofia, ao depauperamento e à morte. Foi assim que a Faculdade ano por ano melhorava o seu ensino e como reflexo desta situação, vemos a procura de seus bancos pelos estudantes que sempre em maior número batem às suas portas. Também nunca, nem nos primeiros anos, qualquer preocupação de ordem subalterna, veio, sequer de leve, toldar a sadia e honesta orientação dos que aqui se entregaram ao exercício do magistério. A honestidade de suas condutas pode ser brilhantemente atestada quando nos recordamos de algumas passagens de 1907. Por falta de professores não podia

*) Oração pronunciada como paraninfo da turma de doutorandos de medicina em 1948, cinquentenário da fundação da Faculdade de Medicina.

ser lecionada a 6.^a série, a exigência de seu funcionamento iria prejudicar o ensino ou dificultar mesmo a vida da escola. Os doutorandos daquele ano, não tiveram dúvidas, transferiram-se para o Rio de Janeiro, e para fazer face as despesas que iriam ter longe de suas famílias, a quase totalidade deles inscreveram-se em concursos para internos e todos, apesar de concorrerem com grande número de outros da Capital da República, obtiveram as primeiras colocações. Em 1911, quando surgiu a lei Rivadávia a Congregação, ainda em luta com os que pretendiam extinguí-la, aproveitou a liberdade estabelecida, remodela o currículo; no curso médico aumenta o número de disciplinas, nos cursos de farmácia e odontologia, aumenta o número de séries, realiza os preparatórios na própria escola e com a maior honestidade continua a se preocupar exclusivamente com a qualidade dos alunos, condição indispensável ao aproveitamento nos cursos. Daí por diante, sempre fiel aos sadios princípios dos que a fundaram e dos que a mantiveram, esta Faculdade, tem seguido a mesma linha de conduta.

Por mais que façamos, por maiores que sejam a nossa admiração e a nossa gratidão, nunca teremos decantado suficientemente os feitos heróicos dos que com esforço, com abnegação e com sacrifício souberam planejar, executar e desenvolver esta magnífica obra.

Vivemos há mais de quarenta anos presos a esta casa; rejubila-nos o fato de vos dirigir a palavra neste momento, em especial porque nos é dado evocar todos êstes anos passados, as lutas, as amarguras, os dias de satisfação, as vitórias, tudo a concorrer para fixar definitivamente os sólidos alicerces sobre os quais se veio firmar esta Faculdade, elevada hoje à altura de seus méritos entre as congêneres do país.

Aqui penetrastes, meus jovens colegas, há seis anos, e neste lapso de tempo, pudestes aprender, percorrendo todo o currículo, onde a valia de nossos meios, de par com as imperfeições oriundas de nossas necessidades materiais provenientes do meio e das condições em que vivemos.

Muitas destas ainda existem e quando sanadas por certo outras advirão; os vossos professores, que perfeitamente as conhecem, tudo empenharam para que elas não representassem óbices, intransponíveis à vossa instrução. O progresso contínuo da ciência e da educação médica impõe um grande número de adiantamentos nem sempre possíveis em

nossa organização diante dos obstáculos de dictames legais ou de verbas, aquêles às vezes muito coercitivos, estas sempre insuficientes. Daí as falhas e defeitos com que lutamos, aqui talvez mais assinaláveis, mas, alhures, também existentes, elas próprias ou outras, índice evidente da invencível imperfeição humana. A exigência de resolver em cada época da história e em diversos sectores, múltiplos e intrincados problemas que vão se sucedendo num desfilar ininterrupto, obrigam os homens a desenvolverem, em atos de vontade, de coragem e de renúncia, o esforço necessário com a finalidade de melhorar no futuro sua própria sorte ou a de seus descendentes.

É graças a êstes esforços que as sociedades se conservam, evoluem e prosperam.

Assim foi que a semente lançada em 1898, germinou, penetrando o sólo com suas radículas. A palavra dos primeiros pregadores do ensino médico no Rio Grande ecoou por todos os recantos, atravessou os campos, galgou as coxilhas e determinou a compreensão exata da justiça da campanha e da necessidade imperiosa de seu bom êxito.

Esteiou-se sobretudo esta Faculdade, no mourejar afanoso e constante de seus idealizadores, mensageiros de uma fé inabalável, e quando um sopro daninho sacudiu a pequena árvore ainda em início de floração, todos souberam dar à mocidade de então, o exemplo de uma grande dignidade, quer os poucos que daqui se apartaram para cumprir a palavra empenhada, quer os muitos, que no cumprimento do dever a que se tinham votado, sem outros compromissos, aqui permaneceram para arcar sobre os ombros a tarefa ingente de prosseguir a obra iniciada.

Coube a êstes últimos levar de vencida a atitude hostil de poderosos da época, de predadores de doutrina cujos conceitos eram falseados para que pudessem impôr a custa de singular interpretação, a sua soberana vontade, tantas vezes, como nesta, fruto de uma prepotência sem limites.

Se na figura eminente de Protásio Alves devemos sintetisar hoje todo o nosso júbilo e admiração que extensivos a seus dignos companheiros, sempre havemos de acentuar, pela idéia de fundação e pela organização d'êste estabelecimento de ensino, é inconcusso que nesta outra figura imarcessível, de mestre egrégio, de batalhador incansável, Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca, encontramos a energia invencível que com maravilhosa dedica-

ção e com prodígios de abnegação, raizando pelo sacrifício, soube ser a partir de 1907, grande entre os maiores, único, singular, aquê que pôde tornar-se o emérito consolidador da Faculdade, porque soube dar combate e vencer, passo a passo, com pertinácia inextinguível e cintilante inteligência, a mentalidade iníqua que procurou extingui-la.

É pois das mais justas a homenagem que a vossa mocidade fulgurante vem de prestar no quadro de formatura a êstes dois vultos eminentes.

Demonstrais com isto ao atravessar as portas desta casa para penetardes os umbrais da carreira profissional, que bem aprendestes a grandeza da formação de vossa escola.

Reverenciais as memórias daqueles professores e portanto recebei as graças dos que nelas ainda hoje escolhem como paradigma as vidas ilustres que assinalastes com justificada razão.

Se como organismo animal, o homem vive em contínuas trocas com o meio físico para manter um harmonioso equilíbrio dos processos fisiológicos e químicos do corpo, não é menos verdade, que dentro do sistema social de que é parte, como um de seus órgãos, êle também deve manter com os outros constantes trocas, por meio de relações recíprocas que precisam ser criadas, alteradas ou ampliadas, de acôrdo com múltiplos fatôres que caracterizam a época em que vive.

Os contrastes sociais existentes ao fim da Revolução Francesa, atribuídos aos privilégios injustificados de que gozavam as classes, hierarquias e aristocracia, como predicavam os filósofos-políticos do século 18, eram suprimidos quando todos os homens foram proclamados iguais perante a lei e por êste meio estabeleceu-se a igualdade política. A plebe que antes não podia aspirar certas profissões, viu desfeitos os grilhões que a prendiam aos preconceitos de então, e às profissões liberais puderam ter acesso os que a compunham.

Aproveitando-se do progresso indiscutível de várias descobertas, a profissão médica adquiriu então maior nomeada e firmou-se no conceito da sociedade daquele tempo, e até os escritores da época passaram a consagrá-la entre as mais elevadas.

Desfeitos os privilégios, de uma aristocracia de sangue, começou a surgir pela competição a aristocracia dos valores. Êstes onde aparecessem eram aplaudidos e consagrados até por aquêles que simplesmente por snobismo os cercavam.

Avançou o ensino médico, os professores chegavam nos hospitais e rigorosamente vestidos com sobrecasaca e luvas prelecionavam perante uma grande assembléia de senhoras vestidas à última moda, de jornalistas de salão, de moços elegantes que concorriam com os estudantes a ouvir sábias preleções sôbre os males e misérias alheias.

O exercício profissional se repartia entre a clínica privada dos que procuravam o médico exclusivamente pela confiança que nêle depositavam e podiam ou não remunerar seu trabalho e o serviço hospitalar, onde gratuitamente desempenhavam suas tarefas quotidianas. O médico impunha-se pelo seu saber e por sua consciência profissional, os exemplos dos mais velhos deviam ser seguidos pelos novatos ou podiam inspirá-los.

Até para despertar vocações, a maneira de agir, seus gestos, suas atitudes, contribuíam fortemente.

Conta-se que um velho médico francês possuidor em sua bagagem profissional, do elevado título de ter sido professor do grande e emérito Trousseau, foi chamado a atender em conferência, um doente cuja moléstia se agravava. Terminada a conferência recebeu a importância de seus honorários e ao retirar-se é abordado na porta da casa por um desconhecido que vinha, sabedor de sua presença na vizinhança, solicitar sua ida até ao leito de uma moça pobre que estava passando muito mal. Tôdas estas cenas foram presenciadas por um menino de 7 ou 8 anos que na sua curiosidade infantil postara-se ao lado do médico. Tendo acedido à solicitação dirige-se o mestre à casa da doente e o menino sorrateiramente o acompanha, entra com êle, meio escondido, no quarto, e assiste tudo o que se passa. Era uma tuberculosa que em seus últimos dias, não tivera o socorro de uma medicação e que sua pobreza não permitia uma alimentação mais adequada. Após o exame, alguns conselhos e algumas palavras de consolo, o médico mete a mão no bolso e deixa à doente tôda a soma que recebera momentos antes. O menino que contou esta história, diz-nos que desde esta ocasião firmou sua vocação profissional e decidiu dedicar-se à medicina. Segundo nos conta um de seus alunos, êste menino veio a ser mais tarde Albert Robin, o emérito professor de Terapêutica da Faculdade de Medicina de Paris.

Correm os anos, e ao fim do século passado começa a sociedade a sofrer a influência

de diversas descobertas que até hoje continuam em série por assim dizer ininterrupta, onde é exalçada a técnica, dando origem a uma verdadeira era tecnológica. Opera-se uma revolução: excedem a todos os limites as produções em massa, as modificações observadas no terreno dos transportes e dos serviços de comunicações. A física e a química desenvolvem-se a extremos quase inconcebíveis.

A ordem social abalada pelas tensões resultantes destes fatores de progresso incalculável ainda não realizou um processo de adaptação adequada.

Por toda a parte vacilações e indecisões geram a insegurança que as crises sociais e econômicas acarretam. A igualdade política obtida com a destruição dos privilégios injustificados sucede a desigualdade econômica de nossa época. Os desajustes sociais e várias idéias como as de direito, de dever, de justiça, de caridade, de autoridade, de política e de lei passaram a ser deturpadas por muitos dos que vivem diariamente abusando de suas aplicações.

Como se isto não bastasse, em um período de mais ou menos três décadas, duas hecatombes mundiais, vêm concorrer poderosamente para complicar e precipitar as desordens sociais em que se debatem todas as Nações. Terapeutas aventureiros surgem em alguns países e para eles as desigualdades sociais só serão resolvidas pela abolição da propriedades privada dos bens de produção. A propriedade produtiva toca ao Estado e não havendo haveres não poderão existir classes. Passam os homens a dele depender e se vêm privados da garantia econômica e base social de sua liberdade, que é a propriedade. Sem liberdade, sem justiça e sem moral, o homem passa a ser um simples vertebrado onde se vêem direitos e não se vislumbra deveres.

Ainda estes inovadores procuram desconhecer as desigualdades chamadas acidentais do homem, pois exigindo para nivelá-los a igualdade econômica, passam a ignorar as desigualdades resultantes da inteligência, do talento, da saúde, do gosto, da virtude, da força física, do temperamento e outras.

Madariaga em seu livro sobre a Anarquia da Hierarquia", expressa-se admiravelmente bem quando nos diz: "É natural, mas lamentável que a pressão das condições econômicas haja reduzido esta questão a um problema de classes e o problema de classes a uma simples questão de renda. A desigualdade não se deve medir só pela escala vertical, ou pela

unidade de renda; estende-se para os lados como para cima e para baixo, tanto em qualidade, como em quantidade, e quanto mais dimensões possuir, tanto mais rica será a vida e a cultura do povo que ela favorecer com sua presença".

Estabelecendo um paradigma entre o organismo humano e organismo social poderemos dizer que assim como as células, desde as mais nobres às menos diferenciadas em suas desigualdades todas concorrem para a manutenção do equilíbrio vital, na sociedade todos os seus elementos têm de concorrer para a manutenção do equilíbrio social.

Com elevado espírito de justiça, com honestidade e muita abnegação as desigualdades injustas, que não negamos existirem, precisam ser combatidas, cada um de nós de acordo com a sua consciência agindo pelo bem comum.

A solução destas crises depende do poder de adaptação da sociedade e para ela todos devemos concorrer, mas só virá a ser obtida quando puderem ser satisfeitas as necessidades humanas, tanto materiais como espirituais.

Fazeis o vosso ingresso na profissão neste momento universalmente conturbado; a função social do médico antigamente limitada exclusivamente a arte de curar os doentes, mais tarde estendida a arte de prevenir a doença, apresenta-se hoje extremamente dilatada e complexa porque naturalmente aos médicos passou a caber preponderante papel na solução de algumas das causas que determinaram as crises sociais porque eles vão encontrar em seus semelhantes e porque não dizer, em si mesmo, os efeitos, isto é, as ações e reações determinadas por, algumas vezes sutis, mas, reais forças e funções resultantes das transformações sociais da época atual.

É por tal motivo que, se até bem pouco tempo a medicina tinha sua quase exclusiva preocupação com o homem, em relação ao aspecto físico da sua vida, na saúde e na moléstia, não poderemos obsecurar que para o futuro muito maiores devem ser as preocupações do médico que precisa encarar e estudar a vida sobre todos os seus aspectos, físico, psicológico e social.

Para tanto, necessário se torna que por criterioso estudo e elevada compreensão conquiste, aceite ou oriente a colaboração de todos os que bem intencionados podem concorrer para tal fim.

Assim deve o médico procurar a aliança ou tornar-se aliado dos governos ou institui-

ções que desejarem efetivamente corrigir os abusos ou deficiências de ordem social, econômica ou industrial, procurando o bem estar de todos os cidadãos. Assim deve o médico unir-se ou procurar a adesão dos homens de negócio com larga visão, interessados na alimentação, no alojamento, na instrução, nos cuidados de saúde de seus empregados.

Com esta cooperação trabalha pela elevação, ao nível desejado, da medicina preventiva, em um dos seus mais belos capítulos atuais, quando obsoletos pelo progresso da medicina já podem ser considerados os que visavam quarentenas, desinfecções, etc.

Do mesmo modo sua atenção deve ser despertada para a adequada consideração que estão a exigir, as moléstias profissionais e as psiconeuroses, resultantes de uma complexa sociedade que rapidamente se industrialisa.

Mas, meus senhores, não tenhamos dúvida, que tôda esta finalidade só pode ser realizada quando as pessoas que devem executá-la são perfeitamente compenetradas de seus deveres e recebem ao mesmo tempo em troca, como recompensa e incentivo, o aplauso dos que puderam reconhecer os benefícios prestados.

Se ao médico compete por sua atuação, à custa de seu saber, de seu tato, ocupar na sociedade o papel de grande responsabilidade que lhe cabe, não é menos verdade, que êle precisa, obter do próprio meio onde vive todos os elementos que lhe permitam sua ação. Desde o lar, onde começa, pelo exemplo e pelas lições dos seus pais, a forjar seu caráter, na passagem pela escola, onde no convívio de professores e colegas reforça seu aprendizado para a vida, até na Faculdade, onde sua educação profissional atinge ao auge, e mais além, no meio social onde sua atividade se vai desenvolver, deve encontrar êle os recursos de que precisa diariamente para o exercício da profissão.

E se do lar e da escola vos falei é porque estou certo, num exame de consciência neste momento, exame que só vos pode orgulhar, estais a relembrar com satisfação máxima, o quanto os carinhos maternos, os conselhos paternos e os desvelos de vossos primeiros mestres, contribuíram para vossa formação. Segui a boa orientação que vos foi dada e assim chegareis a recompensá-los pelas preocupações que tiveram.

Dêles obtivestes os meios que vos farão amanhã continuar o caminho reto que vos traçastes.

Da Faculdade obtivestes o que ela vos pôde dar. Entretanto dela saís, num momento de renovação onde o segrêdo do futuro é um horizonte fechado às vistas mais percucentes. Por isto mesmo ao pesar as vossas responsabilidades, também devemos avaliar as nossas, quando irmanados amanhã iremos todos de-lrontar os complicados problemas profissionais.

Tenho para mim, e faço neste momento, uma confissão sincera, que a educação médica, no mundo inteiro, em qualquer país, ainda não se apresenta renovada à altura da transformação operada na ordem social.

Por certo esta renovação deve se dar com variantes de uma para outra nação, mas sem dúvida, sôbre ela em qualquer país devem influir o sistema educacional geral, do qual é uma parte, a história de seu desenvolvimento, as condições sob as quais é feita a prática da medicina e pela extensão do meio social a que se destina.

As escolas médicas existem para instruir o estudante na ciência, na arte e na prática da medicina, incluindo aí a compreensão do que é a saúde, quais os meios que devem ser empregados para mantê-las, bem como a prevenção e o tratamento das moléstias.

Ao estudante deve ser dado sólido alicerce de modo que no futuro, com os conhecimentos adquiridos na escola e os que venham a adquirir no exercício profissional, possa continuar sua educação, através de tôda a sua vida.

A quem interrogar neste momento quais os compromissos que a Faculdade pôde saldar convosco durante o período escolar, temos como resposta, que não nos julgamos devedores, pois ela vos deu, já dissemos, o que lhe cabia dar dentro das normas atuais de orientação do ensino médico.

Devem as escolas facilitar os estudos dos que a procuram e em sadia compreensão estas facilidades significam fornecer-lhes os meios pelos quais possam adquirir uma série de conhecimentos indispensáveis para nortear as relações diárias no ambiente em que vivem.

O ensino médico foi naturalmente atingido pelo progresso desta era tecnológica e cada vez mais no ensino de cada disciplina a complexidade dos diversos processos hoje empregados, torna necessária a exigência, para os que desejam praticar a arte de Hipocrates, de um preparo intelectual e profissional adequado, pois o contrário seria encaminhar os portadores de um diploma para uma situação difícil, tanto social como econômica.

Com o progresso o ensino livreco foi sendo aos poucos substituído pelos exercícios e pela prática nos laboratórios e nas clínicas, e isto veio obrigar as escolas a manterem uma limitação de matrículas de acôrdo com a capacidade didática que possuem.

É por isto que os mestres conhecedores das necessidades culturais e responsáveis perante a Nação, pelo preparo daqueles que amanhã irão orientar seus destinos, de diferentes modos e em diversos sectores, são os únicos que precisam ser ouvidos nos variados problemas que interessam a educação nacional.

Há poucos dias ao ser recebido como professor honoris causa da Universidade da Bahia, afirmava S. Ex. o Sr. Presidente da República, referindo-se às Universidades: "Não vivem nem chegariam a representar papel relevante por um simples *fiat* administrativo; resultam da aplicação diligente e até mesmo do sofrimento de gerações.

Não são organismos que de improviso surjam. Só se tornam fecundas pela estratificação paciente do labor de mestres e discípulos em anos consecutivos."

Não imaginem que esta restrição se verifica unicamente em nosso país.

Nos Estados Unidos da América do Norte, onde sobejam as instalações, onde não faltam as vocações para o magistério, o mesmo acontece.

O relatório referente ao período escolar 1947/48 do Conselho de Educação Médica e Hospitais da Associação Médica Americana, publicado em setembro do corrente ano, faz-nos vêr que as setenta escolas médicas americanas, tantas são as lá existentes, estão no momento admitindo o número máximo de estudantes que podem comportar.

Trinta e sete escolas afirmam que não podem aceitar mais alunos a menos que lhe sejam facilitados os meios necessários para a expansão de sua instrução tanto nos anos pré-clínicos, como nos departamentos clínicos. Dos restantes trinta e três, vinte e nove teriam de ampliar suas instalações pré-clínicas e quatro precisariam expandir seus departamentos clínicos. A ampliação de matrículas, continua o relatório, exige por isto não só muitos metros quadrados de construção, em diversos sectores da escola, como também, atingido certo limite, impõe a necessidade de aumento de equipamento e do pessoal docente e técnico. Além disto tem de ser considerada a expansão do ensino clínico em certas escolas, quando sua localização não permite maiores facilidades

para desenvolver o treinamento de mais estudantes. Em relação a manutenção destas escolas, esclarece o relatório, que elas devem agora haurir em outras fontes, três vêzes a soma que recebem pelo pagamento das taxas dos estudantes.

De modo que sendo muito maior o programa de expansão, para manter o mesmo nível de ensino, terão de se examinar as fontes que possam proporcionar, a importância imprescindível a fazer frente ao aumento de despesas. A falta de recursos tornará impossível a expansão.

A admissão nas escolas americanas é feita após dois anos de colégio, mas várias são as universidades que recomendam três ou mais anos. Poucas exigem o grau de bacharel. Em cada escola são feitos exames de admissão que constam de inglês, física, biologia, química geral e orgânica. Quase tôdas estas escolas estão fazendo notar aos candidatos a admissão que os cursos do colégio devem fornecer-lhes o maior alicerce possível.

Para o ano escolar 1948/1949 as setenta escolas americanas estimaram a admissão de estudantes nas primeiras séries em 6.407 alunos.

O exame de seleção realizado em junho só permitiu a admissão de 5.907 novos estudantes, isto é, em média 84 alunos por escola. No ano escolar findo em 1948 graduaram-se 79 por escola. Pelo mesmo relatório verifica-se que a média de taxas cobradas por estudante foi neste último ano de 480 dolares, representando um aumento de 4,5 por cento sôbre o ano anterior e um aumento de 27 por cento em relação a 1939/1940. Para o ano iniciado em junho as taxas foram elevadas em 32 escolas para 513 dolares.

Fechemos o parêntese aqui aberto com as citações do relatório americano. Os que nos ouvem tirem suas conclusões, perdoem-nos o alongamento da citação.

Aqui como lá devemos ambicionar que o diploma venha a ser o atestado de um ensino eficiente e nunca um ornamento desajeitado a encobrir os defeitos de uma ignorância perigosa, por falta de ensino bem conduzido.

Se no século 19 a sociedade reconheceu que todos os seus componentes deviam receber um certo grau de instrução, esta primeira metade do século atual, está a ser encerrada quando a sociedade já admite que todos os seus membros devem merecer os mesmos cuidados quando docentes.

Vários pois são os problemas de ordem social e econômica que ides encontrar em

pleno florescimento e a exigir soluções no momento em que abandonais a escola.

Estais a vêr as complexas questões a resolver que mais de perto tocam aos médicos, a quem vão atingir em cheio numa pequena extensão, entretanto de enorme responsabilidade, da crise social e econômica que atravessamos.

Que incumbirá às escolas médicas fazer? Tenho para mim que de início precisa ser inventariada cuidadosamente a situação existente e determinada a necessidade de alterações e melhoramentos imprescindíveis.

Só então estabelecidas as conclusões e propostos os caminhos a seguir poderá ser o ensino médico melhor norteado, de modo a que a tódas as pessoas possa vir a ser fornecida uma assistência condigna para o restabelecimento da saúde, para a recuperação dos acidentados ou inválidos, bem como medidas bem orientadas para a prevenção das moléstias e para uma melhor manutenção do standard físico e mental dos indivíduos em geral.

De outro lado incumbe averiguar o grau em que as Faculdades de Medicina satisfazem às necessidades do País quanto a profissionais, e dentro delas promover o adiantamento dos conhecimentos no campo das ciências médicas e melhor informar o público quanto à natureza e propósitos da educação médica.

De hoje em diante estais alistados na fileira dos que devem desbravar êstes caminhos, pois tenho para mim que, todos os profissionais e professores, devem ser os artífices desta remodelação que se impõe. Se a uns diz mais de perto o que se refere à instrução propriamente dita, a todos toca de igual maneira o que se refere à educação, uma e outra na medicina, iniciando-se na escola, mas continuando por tódá a existência do médico.

Meus jovens colegas: enquanto apossa-se do mundo insaciável sêde de bens materiais, enquanto o gozo e o prazer, são obtidos à custa de muitos e decantados direitos, permiti que confiemos em vós, na lucidez de vossa privilegiada inteligência, da qual apreciamos as primeiras florescências, para vos implorar que antes de pleiteardes os vossos direitos e, mesmo para mais fecundamente alicerçar vossas solicitações, nunca vos venha a ser obnubilada a razão, pelo esquecimento de vossos deveres.

Lembraí-vos sempre que tendes a sublime tarefa de aliviar e consolar os que sofrem e que para isto além de vossa ciência, deveis contar com um espírito de abnegação e sacri-

fício que diàriamente poreis à prova, até mesmo quando vossas horas de lazer forem suprimidas ou interrompidas no afan de cumprirdes vossos misteres.

Viestes a ser médicos pela vossa vocação; era êste o vosso desejo, por êste ou por aquêle motivo. Qualquer êle tenha sido, confio que os vossos estudos tenham vos feito amar a medicina, e êste amor vos levará ao sacrifício, a renúncias, sem as quais muitas vêzes não tereis a alegria suprema de vêr um sorriso, onde antes haviéis encontrado gemidos e pranto. A vida do médico se desenvolve noite e dia, em ampla e fertil seára de tristezas, dêle se exige a transformação de pesadelos em sonhos venturosos.

Desde êste momento sois cavaleiros desta sublime cruzada que está a exigir de vós extrema dedicação, guiada por uma inatacável honestidade, para o sacrosanto dever de curar, aliviar e consolar, tanto as enfermidades do corpo como as do espírito, tanto as moléstias dos vossos doentes, como os males sociais, sempre e em tódá a parte onde fordes chamados a exercer vossas atividades, onde vos aperceberdes da necessidade de vossas atuações bemfazejas.

Não esqueceréis que a caridade, a despeito das múltiplas obras de assistência remunerada, felizmente a multiplicarem-se diàriamente para gáudio de uma ordem social melhor organizada, terá de ser freqüentemente praticada por vós, qualquer que seja o sacrifício.

Empregai todos os esforços na satisfação de vossos deveres, seja quando fordes o depositário da confiança individual de quem vos procura, seja quando fordes credenciado por alguém que vos indica como o profissional capaz de prodigalisar cuidados médicos, a membros desta ou daquela instituição.

A uns e a outros incumbe-vos dar o idêntico trato, igual dedicação, o mesmo empenho.

Exercereis a profissão fideis aos princípios de deontologia médica que aprendeste na escola e que dia a dia deveréis ter presentes em vossa prática.

Sereis honestos ao mentir, a caridosa mentira médica que é uma expressão de bondade ao ocultar para menor sofrimento um mal irremediável.

Não podereis negar a quem quer que seja, o alívio de uma medicação, o consolo de uma frase, a quem vos pede a supressão de uma dor ou a quem vos implora a comutação de inexorável condenação.

Aliviar e consolar é também dar vida.

A falta dêste ou daquele exame de laboratório ou de especialista, muitas vêzes impossível de obter, sobretudo quando exercerdes a profissão em lugares desprovidos de tais recursos, não vos poderá reduzir a inatividade, pois quaisquer que sejam os vossos meios não podereis cruzar os braços diante do sofrimento que abate, debilita e mata.

Cabe-vos então lançar mão de outros recursos, práticas algumas vêzes obsoletas em centros melhor aparelhados e êles, muitas vêzes, vos trarão a solução feliz.

Lembraí-vos que agora, mais do que nunca, quando os males sociais expandem-se e proliferam que a vós, como médicos, cabe prescrutar-lhes as causas, estudar-lhes a patogenia e indicar a adequada terapêutica.

E tudo isto realizando, como apaixonados cultores da arte de curar, a cada passo, ides ter a virtude de reconhecer o quanto nos falta, em verdade, para, apesar dos maravilhosos progressos feitos, conseguirmos afastar de nós as angústias, e as desilusões que freqüentemente nos atingem.

E isto fareis com os conhecimentos, os que obtivestes na escola, com os que adquiristes como cidadãos, certos de que como médicos deveis estudar as manifestações anormais de tudo quanto diz respeito à vida, seja a pessoal, seja a coletiva, para oferecer-lhes a cura ou o alívio necessários.

E, se assim fizerdes, tereis por certo abençoada a vossa missão sôbre a terra. Sêde felizes.